



Revista Brasileira de Enfermagem

ISSN: 0034-7167

reben@abennacional.org.br

Associação Brasileira de Enfermagem  
Brasil

Nogueira Botelho, Stella Maris; Graças Carvalho Ferriani, Maria das  
Prostituição na adolescência: interfaces com a instituição familiar  
Revista Brasileira de Enfermagem, vol. 57, núm. 2, marzo-abril, 2004, pp. 198-202  
Associação Brasileira de Enfermagem  
Brasília, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=267019637013>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# PROSTITUIÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: interfaces com a instituição familiar

Stella Maris Nogueira Botelho\*  
Maria das Graças Carvalho Ferriani\*\*

## Resumo

Pesquisa realizada com o objetivo de conhecer e analisar o contexto e o significado da dinâmica da instituição familiar e suas interfaces com a prostituição de adolescentes. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas das Histórias de Vida e o conteúdo das falas foi analisado pela análise de conteúdo, modalidade análise temática. Encontramos uma grande lacuna provocada pela ausência de diálogo e pela forma como foram vivenciadas as situações de abandono, morte materna e o convívio com os familiares por não serem filhas biológicas de um dos pais, rompendo com as relações de confiança, respeito e afeto provocando a perda de uma identidade individual e coletiva. A violência intrafamiliar foi identificada através de situações de abuso sexual, negligência e violência física, evidenciando uma verdadeira escola de desrespeito, abuso do poder e a hierarquia de gênero e etária.

**Descritores:** prostituição; adolescente; violência; família

## Abstract

*Research carried out aiming at learning and analysing the context and significance of the dynamics in the family institution and its interfaces with the prostitution of adolescents. Data collection was carried out by means of life story interviews, and the content of the speeches underwent thematic analysis. We found a wide gap caused by the lack of dialogue and by how situations of abandonment, mother's death and life with family members being not a biological daughter of one of the parents have been experienced, breaking up with trust, respect and affect relationships, thus causing the loss of individual and collective identity. Violence within the family was identified through situations of sexual abuse, negligence and physical violence, thus making evident a true school of disrespect, abuse of power and gender/age hierarchy.*

**Descriptors:** prostitution; adolescent; violence; family

**Title:** Prostituti in adolescence: interfaces with the family institution

## Resumen

*Se trata de una investigación que procura analizar el contexto y significado de la dinámica de la institución familiar y sus interfaces con la prostitución de adolescentes. Los datos se recogieron, a través de entrevistas de las Historias de Vida y el contenido de los relatos se analizó por la modalidad del análisis temático. Se encontró una gran laguna provocada por la ausencia de diálogo y por la forma cómo los adolescentes vivieron las situaciones de abandono, de muerte de la madre y convivencia con familiares que no los consideran hijos biológicos. Por todo ello, se rompen las relaciones de confianza, respeto y afecto, provocando así, la pérdida de una identidad individual y colectiva. La violencia intrafamiliar se identificó, por las situaciones de abuso sexual, negligencia y violencia física, con lo cual se instala una verdadera escuela de falta de respeto, abuso de poder y de jerarquías de género y edad.*

**Descriptoros:** prostitución; adolescente; violencia; familia

**Título:** La prostitución en la adolescencia: interfaces con la institución familiar

## 1 Introdução

As reflexões que nos propomos a realizar são preliminares e portanto sem a intenção de produzir uma análise conclusiva com relação ao assunto. Porém, apontaremos algumas questões fundamentais, de tal forma a ampliar os horizontes na busca para a compreensão do fenômeno da prostituição de adolescentes e suas interfaces com a instituição familiar.

Assim, entendemos que uma análise do contexto familiar

compreenderia relações intrafamiliares conflituosas em função da educação autoritária dos pais, ou ainda a total alienação e ausência dos pais frente aos filhos. Estas relações facilitariam a criança e/ou adolescente a abandonar o lar e encontrar nas ruas um ambiente mais agradável, ou mesmo obter da prostituição e da gratificação sexual, amor, carinho e atenção não recebidos dos pais<sup>(1-3)</sup>.

Para as adolescentes inseridas na prostituição, esse contexto parece sinalizar uma ordem natural das coisas, em que parecem aceitar com resignação essa condição. Estar sem o amparo, o afeto da família e de suas relações podem propiciar relações de domínio sobre esses atores, que nesse momento se apresentam frágeis e sem condições de protestar ou até mesmo oferecer resistência na troca pelo calor do acolhimento que lhe está sendo oferecido e que tanto busca e necessita.

Todas as famílias têm uma história, portanto não se originaram do vazio, estando articulada à história social, política

e econômica do lugar e da época em que vivem, facilitando e ajudando compreender a sua dinâmica, comportamentos e atitudes diante da vida, dos filhos, dos relacionamentos e dos conflitos que se apresentam a todo momento.

Ainda sobre as teorias da família,

na medida que reconhecem seu caráter de instituição mediadora entre indivíduo e sociedade – sempre terminam por orientar a análise no sentido de contemplar, simultaneamente, tanto as suas relações internas, quanto as suas relações externas<sup>(2-43)</sup>.

Não pretendemos nos referir à família somente no sentido de aferir-lhe a responsabilidade no fenômeno da prostituição de adolescentes, é preciso tecê-la enquanto uma instituição dinâmica, ausente de posturas e relações estáticas, enaltecendo sua diversidade que podem vir a ser possibilidades de uma melhor qualidade de vida, porém em contrapartida estarmos atentos para o que também poderiam ser situações e aspectos desestruturadores das potencialidades na evolução da instituição familiar, bem como de seus membros.

As profundas transformações que vem sofrendo as famílias e que têm provocado mudanças nos papéis, valores e cotidiano familiares, torna-se importante não culpabilizá-las, pois o momento social, cultural, econômico e político que vivemos, deixam-nas sozinhas diante da imensa e difícil tarefa de sustentar, criar e educar seus filhos, sem que tenham a mínima retaguarda que possam estruturá-las diante das situações de adversidades que as permeiam.

\* Enfermeira. Mestranda em enfermagem em Saúde Pública, EERP – USP. Enfermeira da Unidade de Prevenção do Programa Municipal de DST/Aids.

\*\*Enfermeira. Professora Titular do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto –

A família necessita ser apreendida em suas múltiplas mediações, inclusive nas suas especificidades emocionais, “é importante compreender as subjetividades que envolvem a família, seus estilos de relação e a maneira como eles afetam a atmosfera psicológica entre seus membros”<sup>(3)</sup>.

Romanelli<sup>(4)</sup>, se refere à família, tecendo comentários em que o

cerne da vida doméstica é estruturado por relações de autoridade e de poder, permeadas por vínculos de afetividade. As formas de sociabilidade na família são pautadas pela articulação entre essas relações estruturais e a expressão de sentimentos e de emoções está mesclada, de modo ambíguo e nem sempre explícito, à dominação e também à sua contestação<sup>(4:27)</sup>.

Por não ser estático, o seu processo de desenvolvimento estará submetido a uma desestruturação gradativa das relações e laços entre seus membros. Dessa forma, precisamos olhar essas famílias “[...] a partir de suas concepções reais, da visão que elas têm de si próprias, de suas vivências familiares concretas, bem como de suas concepções ideais ou expectativas de realização”<sup>(3:219)</sup>.

A pauperização das famílias brasileiras vem sendo apontada como um dos fatores determinantes do ingresso de crianças e adolescentes na prostituição, pela queda do poder aquisitivo do chefe de família, pelo aumento de mulheres (sozinhas) chefes de família e pelo crescente desemprego, como modelo sócio-econômico que atualmente vivemos.

Salientamos este aspecto nas camadas populares em que

uma família que se baseia na articulação entre o trabalho doméstico e o trabalho remunerado, mas que, reiterada, embora intermitentemente, termina por recorrer ao trabalho feminino remunerado e, dada a precariedade deste, ao trabalho das crianças e jovens, ao mesmo tempo em que busca prolongar a escolarização dos filhos [...]”<sup>(2:47)</sup>.

Contudo, esse prolongamento da escolarização, não se confirma, pois todo o contexto dessas relações conflituosas, agravam as situações de fracasso e evasão escolar e embora a escola não seja uma garantia de superação desses conflitos, “o espaço escolar representa uma oportunidade de resgate e superação das inúmeras carências presentes neste contexto”<sup>(5:63)</sup>.

A pobreza não é o único determinante da violência estrutural dessas famílias, mas em suas raízes encontramos um processo de fragilização social e situações adversas, que condicionam a privação de alimentação, moradia, proteção, escola e acentuadas relações de violência intrafamiliares, bem como facilitadas pelo uso e o comércio de drogas ilícitas, pelo alcoolismo, promiscuidade, desemprego e pela frustração social dos seus membros, no cotidiano da sociedade. Mas

[...] se eles não têm acesso ao mundo do trabalho regular, à saúde, à escola, suas possibilidades de realização acabam ficando restritas, porque o clima psicológico de seu cotidiano fica comprometido pelas tensões e pelos conflitos daí derivados<sup>(3:227)</sup>.

Porém, não podemos deixar de considerar que “a despeito da pobreza ou da falta de conforto vivido nas famílias reais, são elas que ainda representam a segurança emocional, [...], mais do que a falta de dinheiro, é a afetividade que importa [...]”<sup>(3:226)</sup>.

Em toda a história da sociedade ocidental está o fato, não raro da imagem de mulher, mãe devotada, esposa dedicada e objeto sexual passivo.

[...] em todas sociedades contemporâneas, de alguma forma, há o domínio masculino, e embora em grau e expressão e subordinação feminina varie muito, a desigualdade dos sexos, hoje em dia, é fato universal na vida social”<sup>(6:19)</sup>.

exploração sexual, é incluída como uma forma de violência, definida como uma situação que aparece geralmente em

[...] relações assimétricas e hierárquicas de desigualdade e/ou subordinação, onde o violador toma decisões sobre a vida do violado, sem avaliar as necessidades básicas e os desejos deste, levando em conta, unicamente, as suas próprias necessidades e seus desejos<sup>(7:3)</sup>.

Dessa forma, percebemos nitidamente a desigualdade nas relações entre os sexos e a violência que pode se apresentar sob diversas faces. Uma delas é a que se esconde sob o véu da instituição familiar enquanto espaço velado, privado e protegido, criando um certo isolamento, onde o gênero é uma outra característica que se apresenta como desigualdade básica no exercício da violência nessa instituição, além de ser onde se cultiva o “segredo”. A confiança, o respeito e o afeto são substituídos por abusos na relação de poder do gênero e negligência.

Muszkat<sup>(8)</sup> afirma que

[...] para tornar-se homem ou mulher é preciso submeter-se a um processo que chamamos de socialização de gênero, baseado nas expectativas que a cultura tem em relação a cada sexo. É a família, como principal agência socializadora, quem tem as suas funções concentradas na formação das personalidades<sup>(8:226)</sup>.

Com relação ao sexo, observamos que a criança/adolescente/mulher se apresentam como a vítima mais freqüente. As crianças e adolescentes acabam sofrendo os impactos desse processo, sendo feridas em seu processo de desenvolvimento, com ruptura de vivências que beneficiariam a promoção à saúde. Assim,

o poder (quase) absoluto que um homem tem sobre uma criança, o prazer de dominar/possuir alguém no que tem de mais íntima: sua vida sexual, leva-nos a acreditar que os motivos da violência sexual ultrapassam o prazer sexual, para se constituir como uma forma de abuso de poder<sup>(9:35)</sup>.

As repercussões na vida das adolescentes vitimizadas pela exploração sexual, encontra-se bem delineadas,

mesmo obtendo algum dinheiro, perdem a autonomia, o direito sobre si, a decisão sobre o seu corpo e seu destino, com conseqüências sobre seu equilíbrio psicossocial, sua saúde, sua educação. A prostituição, para alguns especialistas, não é vista como trabalho e sim como escravidão até mesmo para adultos. Para crianças e adolescentes, representa, de fato, uma forma de escravidão, pois estão envolvidas numa relação de opressão da qual é difícil escapar<sup>(10:12)</sup>.

## 2 Objetivo

Conhecer e analisar o contexto e o significado da dinâmica da instituição familiar e suas interfaces com a prostituição de adolescentes.

## 3 O caminho metodológico

Utilizamos a metodologia com abordagem qualitativa por considerarmos um estudo de cunho social, revelando o sujeito em seu contexto individual e coletivo com suas crenças, valores e sentimentos. Este tipo de estudo, permite “penetrar num campo polêmico onde há questões não resolvidas e onde o debate tem sido perene e não conclusivo”<sup>(11:20)</sup>.

Optamos pela Pesquisa Estratégica, pois ela permite orientar-se “para problemas que surgem na sociedade, ainda que não preveja soluções práticas para esses problemas. Ela tem a finalidade de lançar luz sobre determinados aspectos da realidade”<sup>(11:28)</sup>. A técnica utilizada para a coleta dos dados foi a História de Vida Tópica, pois para Minayo, “ela dá ênfase a determinada etapa ou setor da vida pessoal ou de uma organização”<sup>(11:28)</sup>.

exerceram ou exercem a prática de prostituição na zona norte de Ribeirão Preto, em específico nos três bairros anteriormente citados. Na seleção das adultas jovens profissionais do sexo, utilizamos os seguintes critérios de inclusão no estudo: aceitar a gravação das entrevistas em fita cassete; consentir em participar da pesquisa, através da assinatura do Termo de Consentimento livre e esclarecido; estar na faixa etária de 20 a 24 anos de idade; ter iniciado a prática da prostituição no período da adolescência; ter cinco ou mais anos de experiência nessa prática.

Todo o processo de coleta dos dados seguiu as diretrizes éticas e legais para a pesquisa científica do Conselho Nacional de Ética (Portaria 196/96), seguindo-se a aprovação no Comitê de Ética, preservando totalmente o anonimato dos sujeitos entrevistados na divulgação dos resultados do estudo, entre outros. Para o tratamento e análise dos dados, utilizamos como método a análise de conteúdo como técnica a Análise Temática, pois “consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido”<sup>(12:106)</sup>.

#### 4 Resultados e discussão

Identificamos como núcleo temático, Em cena: o contexto familiar, sendo dividido em 2 sub-temas: Relações familiares conflituosas e A violência intrafamiliar.

##### 4.1 Relações familiares conflituosas

Em todas as famílias, permeiam um complexo de relações que se articulam à história social, cultural e econômica do lugar em que vivem. Nesse contexto, dependendo dos atributos que foram oferecidos aos seus membros, as situações conflitantes poderão ser vividas de forma tranqüila ou não, deixando profundas marcas que se refletirão futuramente. Observamos que a maioria das entrevistadas são primogênicas, sendo necessário um análise desse contexto. Acreditamos que o primogênito de uma maneira geral, carrega consigo um grande carga de expectativas e responsabilidades por parte não só dos pais, mas de todos os membros familiares.

Em sua pesquisa realizada com filhos primogênicos, observou-se que além das expectativas, ocorre um grande nível de exigência quanto aos encargos domésticos, muitas vezes inadequados para a idade cronológica que se encontram no momento, podendo acentuar as situações de conflitos e estresse<sup>(13)</sup>. Também fica salientado que quando se trata de primogênicas do sexo feminino, essa situação tende a aumentar essa zona de conflito, pelo fato de aumentar as exigências e expectativas.

Verificamos nas falas dos sujeitos entrevistados, uma grande lacuna deixada nas situações de abandono ou morte da mãe e também a forma que foram convivendo com o fato de não serem filhas biológicas de um dos pais.

*Com 5 anos, 5 anos [...] Só era eu, minha mãe só era amante do meu pai, né? Saber? Bem depois, já com quase 15 anos (A1).*

*Eu acho que o abandono da minha mãe [...] minha mãe eu acho que me motivou [...] a revolta de às vezes ter que perguntar alguma coisa e não ter uma mãe para perguntar (A1).*

*Eu não tenho mãe [...] minha mãe faz 7 anos que faleceu. Sentir falta dela eu sinto, mas foi porque eu quis mesmo começar nessa vida (A2).*

*Tudo foi partir que havia muitas brigas. Ele só sabia de violência, de brigar e xingar [...] por mais que eu passava por cima, ele vinha e me humilhava cada vez mais (A3).*

*[...] uns 8 ou 9 anos de idade [...] fiquei sabendo que meu pai não era meu pai [...] uma criança se revolta por saber que o pai não é o verdadeiro (A4).*

*um assassinato, jogaram a minha mãe do 5º andar. Como eu não tinha uma família unida, eu tive mesmo que ter entrado, foi necessidade [...] (A4).*

O sentimento que se aflora de não pertencer ao núcleo familiar como os outros membros, faz emergir um grande anseio de procura por uma identidade, que não mais consegue apreendê-la no interior das suas relações.

A forma como foi elaborado o luto pela morte da mãe (A4), como também as condições em que o fato ocorreu, gerou uma fragilidade ainda maior de seus sentimentos, favorecendo a adoção de atitudes e comportamentos de revolta e agressividade. Quanto ao abandono e a perda da mãe,

*[...] tudo se torna diferente, havendo necessidade de adaptar-se não só a novos hábitos, mas a novos sentimentos. Perdem o objeto de amor [...] partem em busca de novas relações.*

Em um dos relatos, percebemos que ao mesmo tempo que fala de um opção sua por ter iniciado a prática da prostituição, também retrata um sentimento de perda da mãe há 7 anos e sabemos que iniciou na prostituição há 6 anos. Portanto, fica claro a carência para a elaboração da perda, do luto. Verificamos em outra fala, considerações da mesma natureza:

*Eu tava me sentindo assim, aliviada porque eu tinha saído da minha casa [...] os meus irmãos são bem morenos e eu sou a branquinha [...] aí aquilo me revoltou, aí quando eu tive a primeira oportunidade pra sair de casa, eu não pensei, enfrentei o mundo (A1).*

A ausência do diálogo, também se conforma como outro aspecto que agrava os conflitos intrafamiliares e as relações entre seus membros, como carinho, respeito e aproximação como elo de ligação. Assim, “para alguns, falta de tempo para conversar, e outros alegam que não sabem muito bem como fazê-lo”<sup>(2:223)</sup>.

*Lá em casa as pessoas tem muito respeito, então ninguém não comenta sobre muita coisa (A1).*

*O meu namorado quando eu perdi a minha virgindade, olha só a cabeça [...] tô tomando 2 por dia, porque eu não sabia como eu tinha que fazer. Aí a mãe dele me explicou. [...] foi com 14 anos, [...] (A1).*

*Eu tinha noção de como me prevenir das doenças e da gravidez, porque eu já tinha conversado muito com minha mãe sobre isso, tinha conversado muito com minhas amigas assim, mais sérias da boate [...] (A2).*

*A primeira vez foi com meu namorado e a gente não usava camisinha, e hoje eu só tranco com camisinha, [...], tinha mulher que quando tinha alguma coceira na vagina, algum ardume, a dona da boate passava limão. [...] eu não sabia assim de segurança [...] (A3).*

*Aí eu tirei minha virgindade com um rapaz que tinha 18 anos e eu 12 anos de idade, fiquei grávida, perdi o nenê (A4).*

*Da primeira vez, eu não sabia o que fazer, eu não sabia o que conversar, ou que preço a expor, né, da minha pessoa, aí eu fiquei perdida [...] o rapaz me deu a camisinha na mão, eu nem sabia o que era preservativo, né, tinha 17 anos [...] (A4).*

Iossi<sup>(14)</sup> retrata a dificuldade e despreparo que os pais enfrentam ao se tratar de assuntos relacionados à sexualidade. Aponta que devido a repressão a que sempre foram submetidos, “[...] preferem não tocar no assunto, pois convivem com a ambivalência de antigos valores e novas situações, não sabendo de fato como orientar seus filhos, [...]”<sup>(14:100)</sup>.

[...] a família, além de ser o grupo social que deveria proporcionar suporte emocional adequado, por meio de um ambiente de trocas, diálogo aberto e orientação sexual, ainda está encontrando dificuldades em abrir espaços para discutir estes assuntos com os filhos<sup>(15:162)</sup>



em especial dos pais são de fundamental importância na aquisição de informações mais precisas que conceba aos adolescentes conhecer a sexualidade de maneira integral e correta. Outros adultos também podem ser significativos na aquisição de conhecimentos, mas no caso dos sujeitos entrevistados, vimos que foram momentos em que justamente já não mais se encontravam numa instituição escolar, local que poderia ser fonte de informações através de professores bem preparados.

#### 4.2 A violência intrafamiliar

Nos preocupa que no seio da instituição familiar ainda ocorra situações, não raras, em que crianças e adolescentes continuem sendo violentados e maltratados por pessoas que concebemos como àquelas que tem o dever de protegê-las. Essas inter-relações deveriam se dar sob o véu da confiança para propiciar a esses sujeitos, ainda frágeis e dependentes, um processo adequado de desenvolvimento em todas as dimensões.

Verificamos nos relatos de duas entrevistadas, situações de violência física, negligência e violência sexual doméstica (incestuosa). Portanto, relacionamos as falas que contemplam tal contexto.

*Meu pai e minha mãe me batia desde os 3 anos de idade e só pararam com 13 anos quando eu saí de casa. Eles batia na cara da gente, minha mãe me empurrou [...] era família que não tem amor igual as outras, que não tem carinho (A3).*

*E eu apanhava de fio, de borracha, de pneu, é [...] de mangueira, de vara de guaxim [...] (A3).*

*Em parte foi né, por tudo que eu já passei com 8 anos de idade, o meu padrinho se masturbava e eu dormindo, e uma vez eu acordei e ele tava passando o pênis na minha bunda e gozando em mim [...] sabe e eu lembro disso e me dá uma dor no peito, e no meu coração uma mágoa [...] (A4).*

A violência intrafamiliar aqui apresentada pelas falas, nos remete a discutir alguns aspectos conceituais acerca do contexto, que se expressa por

atos de ação ou omissão advindos dos pais ou dos responsáveis, julgados a partir de uma mistura de valores da comunidade e da experiência profissional como sendo inapropriados e danificadores<sup>(16:40)</sup>.

Nestes atos de ação, verificamos um complexo dinâmico nas relações entre seus membros, ordenados em função dos papéis, poder e autoridade que exercem em seu cotidiano. Portanto, o papel de proteção perde espaço para que se concretize as relações de poder (através do uso da força) e as relações assimétricas (desigualdade). A criança se torna vítima indefesa e impotente diante da grande descarga de agressividade do adulto.

O contexto da sociedade ocidental é androcêntrica e adultocêntrica, onde: "A relação de dominação-exploração que se estabelece entre o homem, de um lado, e a mulher e criança, de outro lado, é de uma relação de poder. O adulto detém poder sobre a criança"<sup>(17:50)</sup>. Dessa forma, verificamos claramente a hierarquia de gênero e etária, em que permeia a idéia de inferioridade da criança e do adolescente em relação ao adulto. "O homem adulto é o mais poderoso, e a criança é destituída de qualquer poder"<sup>(17:51)</sup>. A ABRAPIA<sup>(7)</sup>, nos traz os conceitos de violência física que bem se inserem no contexto analisado.

Uso da força física de forma intencional, ou os atos de omissão intencionais, não intencionais, praticados por pais ou responsáveis pela criança ou adolescente, com o objetivo de ferir, danificar e disciplinar esta criança/adolescente, deixando ou não marcas evidentes"<sup>(7:8)</sup>.

Quanto ao violência sexual doméstica sofrida por um dos sujeitos entrevistados, traremos à luz, alguns conceitos

fato. Azevedo & Guerra<sup>(16)</sup>, considera que o conceito de abuso-vitimização sexual, está longe de ser preciso, mas o considera como

todo ato ou jogo sexual, relação heterossexual ou homossexual, entre um ou mais adultos e uma criança menor de 18 anos, tendo por finalidade estimular sexualmente a criança ou utilizá-la para obter uma estimulação sobre sua pessoa ou de outra pessoa<sup>(16:42)</sup>.

Esse conceito, como refere a própria autora, permite abranger o incesto por se tratar de uma violência sexual doméstica contra crianças e adolescentes. Define como

toda atividade de caráter sexual, implicando uma criança de 0 a 18 anos e um adulto que tenha para com ela, seja uma relação de consanguinidade, seja de afinidade ou de mera responsabilidade<sup>(16:42)</sup>.

Outra definição que considera o incesto como

qualquer relação de caráter sexual entre um adulto e uma criança ou adolescente, entre um adolescente e uma criança, ou ainda entre adolescentes, quando existe laço familiar, direto ou não, ou mesmo uma mera relação de responsabilidade<sup>(7:9)</sup>.

Portanto, em nosso entendimento, se trata de uma definição de grande amplitude, tanto no que se refere ao agressor (maturidade ou não), quanto aos aspectos de proteção da criança e do adolescente em situações consideradas interditas pela lei ou costume<sup>(16)</sup>.

A fragilidade e a desestruturação das relações interpessoais no seio familiar, se portou como solo fértil e fecundo para que as situações de violência ali se instalassem e gerassem uma rede em cadeia de acontecimentos, favorecendo um baixo nível de auto-estima, evasão escolar, sentimentos de não pertencimento e ausência de projetos de vida.

#### 5 Considerações finais

Através da experiência vivida e relatada por adultas jovens profissionais do sexo que iniciaram a prática da prostituição na adolescência, pudemos apreender um conhecimento reflexivo e profundo revelando sua verdadeira dimensão, que se articula sob a ótica dos aspectos históricos, culturais, sociais, políticos e econômicos.

No contexto familiar pudemos constatar a existência de uma grande zona de conflitos nas relações entre seus membros e na forma como estes vêm elaborando as situações adversas tão presentes em nosso cotidiano. Consideramos a instituição familiar desprovida de atenção no que se refere as possibilidades de acesso aos mais variados tipos de necessidades que poderiam propiciar sua plena estruturação com vistas ao enfrentamento das adversidades e manutenção da harmonia em suas inter-relações.

As situações de violência intrafamiliar proporcionaram às adolescentes, um sentimento de inferioridade e desconfiância em relação ao adulto e, novamente se acresce os fatores determinantes para a ruptura das relações familiares que deveriam servir de apoio e segurança, impulsionando essas adolescentes ainda frágeis e dependentes, para a saída dos seus lares de origem como uma forma de fugir da opressão e iniciar a procura por um lugar de acolhimento.

#### Referências

1. Simon CP. Prostituição juvenil feminina: uma abordagem compreensiva [dissertação de mestrado em Psicologia]. Ribeirão Preto (SP): Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo;1999.205f.
2. Bilac ED. Sobre as transformações nas estruturas familiares no Brasil. Notas muito preliminares. In: Ribeiro ACT, organizador. Família

## Prostituição na adolescência...

3. Peres VLA. Concepções de família em população de periferia urbana. *In: Souza SMG. Infância, Adolescência e Família. Goiânia (GO): Cãnone Editorial;2001.p.217-30.*
4. Romanelli G. Família de classe populares: socialização e identidade masculina. *Cadernos de Pesquisa NEP, Campinas (SP) 1997;III(1/2):25-34.*
5. Silveira SC, coordenador. A Família é para todos? A perspectiva de meninos institucionalizados. *In: Wagner A, coordenador. A Família em cena: Tramas, Dramas e Transformações. Petrópolis (RJ): Vozes; 2002.p.54-74.*
6. Rosaldo MZ, Lamphere L. *In: Rosaldo MZ, Lamphere L, organizadores. A mulher, a cultura, a sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra;1979. p.17-32.*
7. Abrapia. Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência. Capacitação na temática do abuso sexual e exploração sexual contra crianças e Adolescentes Instrumentalizando uma prática. Rio de Janeiro: Abrapia;2001.66p.
8. Muskat ME. Violência de gênero e paternidade. *In: Arilha M, Ridenti SGU, Medrado B, organizadores. Homens e masculinidade. São Paulo: Ecos;1998.p.215-33.*
9. Hazeu M, Fonseca S. Exploração e violência sexual contra crianças e adolescentes no Pará. *In: Leal MFP, César MA, organizadores. Indicadores de Violência Intra-Familiar e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, [relatório final da oficina]. Brasília (DF) CECRIA - Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes;1998.p.33-43.*
10. Faleiros VP. A violência sexual contra crianças e adolescentes e a construção de indicadores: a crítica do poder da desigualdade e do imaginário. *In: Leal MFP, César MA, organizadores. Indicadores de Violência Intra-Familiar e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes [relatório final da oficina]. Brasília (DF) CECRIA - Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes; 1998.p.7-18.*
11. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 6ª ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco;1999, 269p.
12. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70;1979.225p.
13. Perez AF. O filho primogênito: suas características e seus relacionamentos no contexto familiar. *In: Wagner A, coordenador. A família em cena: tramas, dramas e transformações. Petrópolis (RJ): Vozes;2002.p.113-31.*
14. Iossi MA. Aprender brincando: a percepção dos alunos adolescentes sobre grupos de orientação sexual [dissertação de mestrado em Saúde Pública]. Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo;2000.131p.
15. Predebon JC. Conversando sobre o sexo na família com os filhos adolescentes. *In: Wagner A, coordenador. A Família em cena: Tramas, Dramas e Transformações. Petrópolis (RJ): Vozes;2002.p.159-71.*
16. Azevedo MA, Guerra VNA. Vitimação e vitimização: questões conceituais. *In: Azevedo MA, Guerra VNA. Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder. São Paulo: Iglu Editora;1989.p.25-47.*
17. Saffiotti HIB. Exploração sexual de crianças. *In: Azevedo MA, Guerra VN. A. Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder. São Paulo: Iglu Editora;1989.p.49-95.*

---

Data de Recebimento: 09/12/2003

Data de Aprovação: 28/06/2004